



PAUTA ANAL NO CÚMULO DA OBJETIVIDADE POÉTICA: AFETOS EM DESCARGA NOS VERSOS DE PATRICIA BORGES DA SILVA

Eider Madeiros ¹
Mariana Pinheiro Ramalho ²
Letícia Simões Velloso Schuler ³

RESUMO

O presente ensaio busca realizar uma leitura livre de dois poemas “Do cu” e “O que você chama de amor”, de autoria de Patricia Borges da Silva, de modo a se pensar a relação entre a objetividade da linguagem na poética contemporânea em conjunto com a noção de analidade como característica psicanalítica e semântica de uma fórmula de afeto e de corpo retidos pelo sadismo, pelo discurso direto, pela expressividade agressiva. Embora ao privilegiar uma produção decorrente de um projeto literário voltado para a população trans, travesti e não-binária se pressuponha uma segmentação identitária da análise do texto poético, propomos um exercício parafrásico que indique, mesmo que de modo fragmentado, o quanto o cu vem de encontro a uma semântica das complexas relações de afeto no contemporâneo de maneira bastante geral e comum ao que faz do circuito dos afetos uma disposição de relações sempre e já ambíguas e repletas de conflitos e aflições.

Palavras-chave: Poesia periférica, Arte corporal, Analidade.

INTRODUÇÃO

É sempre e mais característico das trocas simbólicas que regem a economia dos afetos na contemporaneidade, uma representação que evoca a praticidade dos desejos, a objetividade das tecnologias do corpo, a menor recursividade em torno dos objetos de prazer. Ainda que muito dessas relações linguísticas se mantenham no campo do interdito, o engenho dos discursos de resistência busca provocar cavidades na estrutura sedimentada da normatividade – a qual também atravessa principalmente a linguagem –, de modo a manter em cena o que se subjeta às margens do que pode ser dito ou válido de expressão.

A semântica que circunda os afetos, os desejos, os objetos de prazer e o corpo, quando ela notadamente transita por terrenos da agressividade e do que é pragmático, encontra eco no que, para a psicanálise, é contido na analidade. Isto é, o cu, enquanto órgão e zona erógena predispõe-se a uma entrada do corpo pulsional na linguagem como relativo a tudo aquilo que se projeta para o outro como sendo a princípio destrutivo, violento, sádico.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, eidermadeiros@gmail.com

² Graduanda do Curso de Letras – Português da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, ramalhomari@hotmail.com

³ Graduanda do Curso de Letras – Português da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, leticiaschuler6@gmail.com



Em suplemento a isso, o cu é também espaço tomado por diversas recriminações que vão desde as políticas religiosas voltadas à proibição da sodomia, em seus alicerces mais demográfico-populacionais do que morais, até as antitéticas distorções discursivas provocadas pela epidemia de aids, que associavam-no como “porta de entrada” (sic) para a recorrente incidência da síndrome junto às orientações sexuais (gays em específico) tidas por desviantes.

O propósito do presente trabalho, todavia, é o de buscar entrever de que modo o cu se apresenta em dois poemas “Do cu” e “O que você chama de amor”, de autoria de Patricia Borges da Silva, que compõem a *Antologia trans*, projeto literário idealizado em São Paulo com oficinas de escrita criativa e poética, realizado pelo Cursinho Popular Transformação e TRANSarau, e integralmente composto por textos de pessoas trans, travestis e não-binárias.

O projeto, do qual resultou o livro da antologia, une educação popular e maneiras de sociabilidade da população T a partir da produção de cultura que privilegiasse a subjetividade, grande fonte da poética, e as trans-identidades. Por meio de poesia, a escrita dos poemas e de textos de outros gêneros não-líricos, ela buscou articular a realidade e a estética na formação de um espaço de protagonismo e autoafirmação do valor de seus corpos e de suas narrativas.

Ao partir de um suporte editorial que visibiliza a produção escrita por sujeitos que habitam e constroem espaços que falam dos afetos, dos desejos, dos prazeres e do corpo sob outra perspectiva não-centralizada, o cu nos é apresentado como significante dotado de possíveis significados a mais, aos quais nos dedicamos investigar sem o propósito último de esgotá-los. Isto se deve, sobremaneira, ao fato de estarmos lidando com textos do gênero lírico-poético, mas não somente.

Se a presença do cu desvela tabus e preconceitos, ele ao mesmo tempo expõe, quando conta com a sorte de poder se revelar, a insurgência de sua própria multifuncionalidade. No campo das artes, sejam as literárias, mas principalmente, sejam, também, as performáticas e corporais, o cu e as metafóricas perfurações dele nos trazem reflexões de uma potencial existência de orifícios outros, de incompletudes, de vulnerabilidades, que, ao se elidirem, retêm, tal como os esfíncteres anais, substanciais formas de inquietação ou questionamento da objetividade vigente no universo dos afetos.

METODOLOGIA

O exercício metodológico ao qual nos atemos para lidar com a leitura do texto poético, se organiza a partir da compreensão a que nos orienta Goldstein (2006, p. 73), quando a autora enfatiza que “atualmente, diferentes formas poéticas coexistem. Os poetas

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br
www.desfazendogenero.com.br

contemporâneos são inventivos e livres para se inspirar no estilo que julgarem adequado à manifestação de sua criatividade poética.”

A criteriosidade formal ou até mesmo a análise da estrutura elementar de versos livres cede espaço para múltiplas elaborações parafrásicas e temáticas, que se enredam na própria imprecisão do tempo presente, constatação que pode ser traduzida na incorporação teórica do anacronismo enquanto *cronótopo* da própria ambivalência que se manifesta, com vigor, frente aos estudos sobre a “crise” atual do lirismo ou da poesia.

Tal como assevera Moriconi (apud PEDROSA, 2001), o anacronismo é tanto uma constatação cronológica quanto uma avaliação problemática diante dos entraves que a realidade atual impõe às produções estéticas do pós-modernismo. Assim, a crítica, ou um método específico, para lidar com as vozes do contemporâneo se sobrepõe de maneira difusa, como retrato invariável da própria condição do presente. Condição “caracterizada pela hegemonia do massificado e midiático, pela pluralização e/ou relativização dos valores, pela dissolução da subjetividade crítica em inúmeras formas de subjetividade a funcionar antes por agregação do múltiplo que por qualquer tipo de negação excludente ou hierarquizante.” (MORICONI apud PEDROSA, 2001, p. 7).

Deste modo, ambas a temática e a forma como se concretizam a poética de Patricia Borges Silva – e, por extensão toda a *Antologia trans* – serão consideradas como eixo de uma marginalidade para com qualquer método, visto que sua própria imanência e escrituralidade (contemporânea, periférica e trans) busca destoar-se das representações que a linguagem hegemônica condiciona, visando, por outro lado, agregar outras res-significações. O cu e o verso curto e livre seriam, assim, por si sós, os guias de nosso ensaio sobre a objetiva subjetividade poética dos versos dos *corpora*.

DESENVOLVIMENTO

A entrada do corpo na poética contemporânea se deve bastante às formações políticas de questionamento de seu lugar, desde os sistemas de controle médicos até a sua inserção enquanto dispositivo da sexualidade, que se disciplina por meio dos discursos, mas, principalmente, por meio das tecnologias de poder na cultura, através das definições de gênero e das assepsias em torno sexo. Nóbrega e Nóbrega (2015) conseguem reunir, em uma crítica sucinta às práticas zumbificantes e infecciosas de vigilância das mentes e dos corpos na atualidade, a importância de se compreender que a fiscalização ao que o “cu alheio” é livre para fazer, lida não apenas com um retorno do recalcado, mas com falta de conhecimento (ou

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br
www.desfazendogenero.com.br

de aceitação mesmo) junto ao que de “nossa vida, vida nua, é prótese, é *cu-l-tura*, que a natureza é artifício” (p. 200), elemento de construtividade e desmonte, artefato e tessitura.

É notória a contribuição de Foucault (2017a, 2017b, 2017c), em sua *História da sexualidade*, para o estatuto da sociedade disciplinar que se reorganiza desde o século XIX, sempre que possível, de modo a garantir a utilidade dos corpos para os fins procriativos da família nuclear burguesa e, sobretudo, para a cristalização da noção higiênica de corpo, que, contrariamente também se reorganiza na busca por se fazer heterotópico, a dissuadir a norma ao reconhecimento de suas potencialidades das mais diversas.

Já no que se refere ao retorno do recalcado, Freud (1996a) continua atual ao ter prenunciado que a obstinação pela ordem e pelo controle são demonstrativos da posição reconfigurada nos sujeitos que, em sua infância, possuíam uma acentuada eroticidade anal. Essa formação libidinal direcionada ao cu é evidentemente reprimida, visto que tanto no período em que se deram os escritos freudianos, contemporâneos do ápice prático da *scientia sexualis* a qual definiu Foucault (1996a) dentro do vitorianismo moral do entre-séculos – como também se apercebe nos dias de hoje –, a aceitação do ânus como zona erógena comum a todos é ainda uma tarefa encarada como pudenda e literalmente evitada.

Isso nos leva destacar que a presença do cu está intimamente ligada ao controle, mas também à proporcionalidade colérica da reação que nela recai quando se observam alguns exemplos cotidianos deste incômodo lugar do corpo pulsional que se abre ao desejo.

Quando nos remetemos à diferença anatômica dos sexos – a cicatriz aberta, como bem pontuou Warbear (2009 apud SAÉZ; CARRASCOSA, 2016, p. 103-110), que tanto homens e mulheres compartilham –, o cu termina por ressaltar o mal-estar que ele engendra nos aspectos da atividade e da passividade do ato sexual. Limitados ao intercurso de uso dos orifícios para penetração, os discursos comuns sobre o sexo anal denunciam mais o temor que a democratização do cu comum representa e bem menos a saga que é conquistar o hábito e o domínio de seu uso enquanto órgão de prazer.

A binariedade de gênero, por exemplo, reproduz esta bipolaridade entre o que reside a conquista de um cu masculino, nos moldes discretos do fio-terra heterocentrado, em contrapartida à vulnerabilidade pressuposta (e de cunho dadivoso) de um cu feminino, circunvizinho de sua não menos perseguida buceta. O mal-estar que o cu traz à tona se delineia justamente por que sua excitação é, ainda que particular a cada um, uma possibilidade, a partir do fato de simplesmente estar ali no corpo e no tempo presente do ato sexual. Como bem concluem Saéz e Carrascosa (2016, p. 180):

[...] o cu cumpre um papel primordial na construção contemporânea da sexualidade, na medida que está carregado de fortes valorações sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, sobre o que é ser um corpo valorizado e um corpo abjeto, um corpo bicha e um corpo hetero, sobre a definição do masculino e do feminino.

A genitalidade do cu, naquilo que nos propomos aproximar enquanto manifestação artística, é objeto de tráfego em algumas recentes performances de arte corporal. Pêdra Costa, nos idos anos de 2010, levou uma proposta sem nome ao XIII Salão de Artes da Cidade do Natal, em que, contra o colonialismo da moral cristã, retirou um rosário do ânus para o delírio e o burburinho da capital norte-riograndense⁴.

A montagem coreografada de “Macaquinhos” (2011) também não sofreu menos escrutínio, ao ser apresentada em 2014 no Festival Mix Brasil em São Paulo⁵. Neste espetáculo, um conjunto de atores forma um círculo agachados em direção ao ânus do companheiro de performance ao lado, e começam a explorar o cu do próximo de modo não muito incomum, por exemplo, ao que muitos símios praticam. Por mais que se apresente com traços de uma mimética animalesca e muda – o que não seria por si só uma invalidação –, foi intenção dos idealizadores da performance provocar a “existência” do ânus, demonstrar uma contra-negligência ao orifício que herdamos de nossos antepassados, mas retiramos de cena por questões de tabu, *homo sapienses* interditos que somos.

Outro registro importante se deu com a temática do corpo-colônia a qual Jota Mombaça e Patrícia Tobias se apropriaram para lançar a performance-manifesto de “Que pode o kopo?” (201-?)⁶. Na performance, enquanto Jota se recolhe nua, agachada e com os cotovelos ao chão, Patrícia lança porções de brita contra as nádegas de companheiro, com a ajuda de uma pá metálica, de um modelo comumente usado na construção civil. Detalhe importante dessa performance é a recitação dos seguintes versos, em formato de manifesto:

⁴ A performance de Pêdra Costa foi noticiada pela Tribuna do Norte, mas chegou a ganhar a atenção do colunista paulista Reinaldo Azevedo, que comentou-a em sua coluna no blog da revista Veja.

Cf. MONTEIRO, Maria Betânia. Polêmica no salão. *Tribuna do Norte*. [online] 18 mar. 2010. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/polemica-no-salao/143243>;

AZEVEDO, Reinaldo. Leia com moderação: os asquerosos. *Veja, blog*. [online] 24 mar. 2010. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/leiam-com-moderacao-os-asquerosos/>. Recuperados em: 31 ago. 2019.

⁵ Encontra-se disponível uma versão da performance em vídeo, na qual a seguinte sinopse é apresentada: “desbunde: deboche: degredo: ingênuo: vulgar: arcaico: frágil: íntimo: comum: construir uma fisicalidade a partir do cu: brincar de epistemologia do cu: parodiando: Macaquinhos assenta em três orientações: aprender que existe cu: aprender a ir para o cu: aprender a partir do cu e com o cu.” Disponível em: <https://vimeo.com/101668661>. Recuperado em: 31 ago. 2019.

⁶ Há um excerto da performance em vídeo que pode ser apreciado em plataforma de streaming disponível em: <https://vimeo.com/64778343>. Recuperado em: 31 ago. 2019.

Corpo, território ocupado pelo sex-Império. Objeto a ser moldado pela tecnocultura heterocapitalista. Corpo de macho. *Corpo de macho castrado de cu*. Corpo-colônia. Corpo marcado. Corpo usurpado pelos sistemas classificatórios. Corpo lacrado, embalado a vácuo ou triturado e encapsulado para facilitar o tráfico. Tráfico de corpos. Corpo produto. Corpo de macho emburrecido enlatado. Corpo-colônia. Corpo desencarnado. Corpo submisso ao Eu, à identidade transcendente. Corpo de macho dominador submisso. Corpo de macho enclausurado em seus privilégios. Corpo de macho vigiado. Corpo de macho drogadiço e vigiado. Corpo de macho covarde drogadiço e vigiado. Corpo devastado. Corpo photoshopado devastado. Corpo photoshopado sarado devastado vazio. Corpo desabitado. Ruína de corpo. Corpo bombardeado em Gaza. Corpo que se atira da ponte. Corpo suicidado. Corpo sem vida. Corpo impensável. Corpo, território isolado pelo sex-Império. Corpo prozac. Corpo scotch. Corpo cocaine. Corpo desidratado. Corpo de nória. Corpo amputado de nória desidratado. Economia de corpos. Corpo, objeto a ser moldado e descartado pela tecnocultura heterocapitalista. Corpo gramacho. Corpo de lixo. Lumpencorpo. Então... Como vergar esse corpo? Como dobrá-lo? (MOMBAÇA; TOBIAS, 201-?, s/p., grifos nossos).

Em nossos grifos, encontramos uma reflexão elementar para contrapor a objetividade poética a qual nos dedicamos analisar. Achamos salutar ressaltá-la apenas como exemplo da ambiguidade que pode resistir tanto à análise de quaisquer textos poéticos quanto à temática anal. Se há um *corpo de macho castrado de cu*, ele surge enquanto impeditivo do campo do prazer, em oposição ao que se espera de todo homem, temeroso de sua castração pelo Complexo de Édipo, em não perder a sua virilidade, a sua potência, a sua positividade sobreposta pela lei do regime fálico da linguagem hegemônica – ou mesmo o seu pênis.

Por entre as fronteiras das produções trans, um corpo de macho pode se ver castrado de cu, pois a exploração de tal órgão dentro do cis-tema é vedada. Em qualquer exploração que se dê, opera-se um risco de afeminação, ou apenas de abertura às pulsões que lhe são possíveis, uma vez que a constituição da libido atravessa o corpo como palco de diversas zonas erógenas. O cu, assim, se castra por não ter a permissão de sua oposição penetrativa, que é do passivo, do receptor, do que se permite abrir.

Nesse sentido, toda abertura, principalmente no que se refere aos horizontes do corpo, é um ato de partilha e de formação de laços. O cu, por se tratar de um buraco que não se arrisca, por não pendular externamente, à mesma castração simbólica do pênis, é sempre e já uma estreita analogia ao aparato genital diádico do canal vaginal. Por outro lado, por ser o mesmo buraco que no “ato de defecar nos lembra cotidianamente deste prazer” (SAÉZ; CARRASCOSA, 2016, p. 139) que é oriundo desde a fase anal infante, nos moldes da teoria do desenvolvimento psicosssexual freudiana, ele termina por ser o representante sólido, por

precisar ser repudiado e afastado da vida genital, do ódio e da cruzeza que desconcertam o fechamento-abertura, a retenção-entrega, do circuito que liga ou rompe a energia dos afetos.

É pelos versos de “Tremendo amanecer”, de Diana Pornoterrorista (TORRES, 2011), que também encontramos evidências destas dualidades dissonantes que giram em torno da analidade corporal que congrega a intempestividade dos afetos dentro do anacronismo da linguagem poética contemporânea.

cago ascuas de carbón.
caen al inodoro como chistes
de volcán.
tsssss tsssss
es porque estoy en erupción
y no me abraso.
dentro incluso hasta hace frío.
soy un hielo que estalla en llamas,
sin derretirse.
quiero incendiar el mundo:
un tremendo amanecer.
los contratos del enemigo,
su Historia mal contada,
sus diagnósticos clínicos,
sus sentencias de muerte,
sus libros de salmos,
sus manuales de buenas costumbres,
sus tratados de política...
quiero derramarme en lava sobre ellos.
papeles pulverizados hasta
desaparecer por completo.
sin instrucciones no sabrán
cómo vencernos
mi orgasmo apocalíptico se desparrama.
todo es fuego, ceniza, amanecer.
me corro sobre ti, mundo,
para odiarte mejor.
(TORRES, 2017, p. 196).

Em Torres (2017), se faz notória a dualidade do produto anal das fezes como substrato de uma animalidade de natureza vulcânica ao corpo em sua primordialidade. Essa selvageria, entre gelo e lava, entre desfazer-se pelos territórios para melhor odiá-los, é característica do que compõe a analidade do objetivismo e da violência sádicos da relação de afetos mais primevos, afetos em si por lidarem com a entrega, quer seja ela exatamente uma dádiva fétida e resultante da capacidade de reter e liberar, de abrir-se para expelir, de fazer vibrar “tssss tssss” a voz da permissão que o organismo, em seu estado de saúde, ressoa para dar por encerrado o processamento dos restos alimentares já devidamente consumidos e excretados.

Saltamos, a partir dessa relação circunstancial de Torres (2017), para perceber em nossos recortes de Silva (2017) uma descarga semelhante de afetos, menos condensados a uma semântica da natureza titânica de um corpo criando brasas de carvão, em plena erupção, e mais voltados ao que representa o cu enquanto símbolo de negociação objetiva das agruras que permeiam a relação com o outro que se defronta com o papel do cu enquanto algo do clandestinamente assumido por via sentimental. Julguemos, então, a objetividade de “Do cu”:

Do cu sai cigarro.
O afeto maior do
mundo dentro da
buceta desprovida
de coração.

Do cu sai amor
sai paixão sai
fogo tempestade sai
ódio sai bosta sai
carinho sai ilusão
sai opinião.
(SILVA, 2017, p. 57).

A alusão ao signo maior do tabagismo, logo no verso de abertura, nos lança para uma relação de orifício que parece ser destoante, mas em alguma medida, relaciona dois aspectos possíveis para o caráter anal do que se pressupõe no campo dos afetos. O cigarro, se não apenas vicia e mata, tentador em sua dependência nicotínica, iguala a relação erógena da oralidade para com o seu orifício opositor. Em continuidade, essa menor abstinência de sentimento desgarrado que se modula entre ser portador do “maior afeto do mundo” ainda que não possua um coração a pulsar, tal qual uma buceta, é representativa de um paralelismo que o cu exerce no campo da genitalidade, por ser bastante clandestino, mas ao mesmo tempo, rodeado de sedução e grandeza.

Na passagem para a segunda estrofe, quando a voz poética não se detém mais à interioridade do anal, faz expelir as múltiplas possibilidades que residem, ou decorrem-se, desde lugar caótico e sem a sentimentalidade tradicional de uma pulsação cardíaca. Não por menos, é aí que se deposita a entrega dos fragmentos das relações contemporâneas (ou nem tão exclusivas a esse tempo propriamente) como aparatados de diversas facetas, poucas delas destituídas da impulsividade objetiva que os afetos lineares carregam em sua materialidade prática. Isto é, se sai amor, sai também a fugacidade da paixão; sai sádica e destrutivamente o fogo, a tempestade, o ódio e a bosta; sai carinho, indicado, porém, por sua ilusão, sua opinião subsequentes, desqualificando-o em seu teor mais elaboradamente romântico.

Com relação a isso, em “O que você chama de amor”, Silva (2017) provoca a reflexão sobre até que ponto a analidade é estrutural para o eu direta e indiscriminadamente questionador do afeto que demanda uma resposta tão direta e indiscriminada quanto.

O que você chama de amor é isso?
Cu que brilha?
Cu apertado?
Cu arrombado?
Ou um cu igual a todos?
(SILVA, 2017, p. 58)

O cu é exposto como um catalisador das nuances que configuram o desejo do outro para com este eu, fazendo com que este se confunda com o próprio cu que carrega ou parece querer caracterizar. Se há um amor, ele aí é tipificado, e não idealizado, como em possíveis outras descrições mais subjetivas, que se veriam regidas por uma linguagem mais composta de alusões mais gerais, como de um amor que esbarra a busca por noções conceituais, e não se compõe de tantas características tão peculiares. Ou seja, o amor, nos trilhos da objetividade dos afetos, pode se metamorfosear em algo chamativo e personalizado (que brilha), ou quase virginal (apertado), ou experienciado (arrombado), ou ordinário (igual a todos)... Se a interpelação para este outro reduz o amor a estas opções, é por seu caráter de coisa qualquer (“isso”), de modo que se há um ressentimento da parte desta voz que descarrega suas interrogações, ele não é por outros menos floreado, visto que se revela por sua dureza certa, mas não menos vulnerável. Afinal, se é de amores tipificados a partir de cus característicos, estes já o são espaço de abertura para classificarem-se em algum tipo que seja ou não desagradáveis ou conflituoso.

Em suma, chamar de amor uma agressão em suspenso na própria resposta e optar por escolhas entre um ou outro tipo de cu, é estar disposto a ouvir o *feedback* dentre as alternativas apresentadas, sem destituir-se de uma retenção ou distensão ao que pode ser chamado “de amor” positiva ou negativamente em seguida. Assim, em outras palavras, o afeto que se retrai ou se doa pela semântica da analidade pode ser, além de objetivo, curto e grosso, longo e fino, mas não menos depositário da impulsiva reação das tensas economias que envolvem de amor e ódio as trocas afetivas os sujeitos, cada vez mais imediatistas, especialmente na linguagem, dos velozes tempos atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cu, em linhas gerais, representou no presente trabalho um desafio para perceber sua dupla capacidade de não apenas expelir objetividades, mas de conseguir fazer furo à noção de poeticidade que não poderia, em contornos tradicionais, advir de um lugar tão inferiorizado.

A temática da analidade, tão presente na literatura pornoerótica, pareceu-nos ressaltar que, em certa medida, a reserva dada à marginalidade dos corpos trans, travestis e não-binários, busca recuperar este órgão com um papel ressignificador na linguagem, de maneira a não fugir da realidade da qual emana a inspiração criativa e poética, mas também não adornar de moralismos a própria maneira explícita pela qual a autoafirmação da população T se delinea por não ter como ser mascarada para alguém do corpo. Se é pelo cu que se orientam as arquiteturas da prática sexual entre sujeitos que fogem da binariedade entre o pênis e a vagina, não haveria melhor entorno significante e metafórico para traçar a dificuldade de estabelecimento de relações afetuosas duradouras que o da pauta anal.

O que ensaiamos, sem buscar finalizar este exercício como em uma constipação autoinfrígida, foi a busca por perceber que, se as questões do corpo da população T está em evidência na contemporaneidade, é porque, para mais ou para menos, essas sabatinas e enfoques são decorrentes de questões de afeto que alimentam e estão energizados por todos os demais circuitos comuns das relações de amor (e de ódio) entre os sujeitos do tempo presente, deste percurso de conflitos e apaziguamentos.

Para associar, nesta mesma linha elementar dos corpos em circuitos tensos de afeto, o cu com a objetividade, pensamos em manter por uma frincha a constatação de que um usufruto aos potenciais do orifício anal, se não ultrapassa o rompimento de tabus e preconceitos, ao menos sinaliza que, nas interpenetrações oriundas das relações que nos atravessam, encantam ou aterrorizam, o cu sempre será abertura comum a todas e todos.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 5. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2017a.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. 2. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2017b.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. 3. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2017c.

FREUD, Sigmund. Caráter e erotismo anal (1908). In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. p. 157-164. (“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos (1906-1908); v. IX)

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. p. 117-231. (Um caso de histeria, Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos (1901-1905); v. VII)

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. 14. ed. São Paulo: Ática, 2006. (Princípios; 6)

NÓBREGA, Elisa Mariana de Medeiros; NÓBREGA, Geralda Medeiros. Afinal, para que serve a história? anotações sobre ensino, cipó, cu e zumbis. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da. (org.). *Escrit@s sobre gênero e sexualidades*. São Paulo: Scortecci, 2015. p. 195-204.

PEDROSA, Celia. Considerações anacrônicas: lirismo, subjetividade, resistência. In: CAMARGO, Maria Lucia de Barros; PEDROSA, Celia. (org.). *Poesia e contemporaneidade: leituras do presente*. Chapecó, RS: Argos, 2001. p. 7-24.

SAÉZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. *Pelo cu*: políticas anais. Tradução: Rafael Leopoldo. Belo Horizonte, MG: Letramento, 2016.

SILVA, Patricia Borges da, et al. *Antologia trans: 30 poetas trans, travestis e não-binários*. São Paulo: Invisíveis Produções, 2017.

TORRES, Diana J. *Pornoterrorismo*. 4. ed. Tafalla, Nafarroa: Txalaparta, 2017.